Da Luz à São Bento: percepções e simultaneidades;

***From Luz to São Bento:
perceptions and simultaneities;***

***De Luz a São Bento
percepciones y simultaneidades***

Luciano Bernardino da Costa

*Instituto de Arquitetura e Urbanismo – IAU USP, São Carlos, Brasil.
lbcosta45@gmail.com*

Resumo

Neste ensaio, texto e fotografias se articulam procurando problematizar a relação perceptiva e sensível que se instaura nas metrópoles contemporâneas. Nos fluxos humanos diários diferentes intercâmbios se estabelecem entre imagens, memória e esquecimento. A própria experimentação fotográfica torna-se, de modo ambíguo, uma tentativa de aproximação destes fenômenos e um modo circunstancial de registro.

Palavras-Chave: Fotografia. Imagem. Percepção. Metrôpoles. Memória/esquecimento.

Resumen

En este ensayo, el texto y las fotografías se articulan para problematizar la relación perceptiva y sensible que se establece en las metrópolis contemporâneas. En los flujos humanos diarios, se producen diferentes intercambios entre imágenes, memoria y olvido. La experimentación fotográfica en sí misma se convierte, de manera ambigua, en un intento de aproximar estos fenómenos y en una forma circunstancial de grabación.

Palavras-Clave: Fotografía. Imagen. Percepción. Metrópolis. Memoria/olvido.

Abstract

In this essay, text and photographs are articulated, seeking to problematize the perceptual and sensitive relationship established in contemporary metropolises. In daily human flows there are different exchanges between images, memory and forgetfulness. The own photographic experimentation becomes ambiguously, an attempt to approach these phenomena and a circumstantial way of recording.

Keywords: Photography. Image. Perception. Metropolises. Memory/forgetfulness.

DA LUZ À SÃO BENTO: PERCEPÇÕES E SIMULTANEIDADES¹

A autopercepção de nosso corpo, a sensação de que vivemos em um corpo é uma precondição indispensável para a invenção das mídias, as quais podem ser chamadas de corpos técnicos ou artificiais desenhados para substituírem corpos através de procedimentos simbólicos.
(BELTING, H., 2020, texto eletrônico.)

O conjunto de fotografias realizado recentemente na rua Santa Efigênia, ícone do comércio de eletrônicos localizado na cidade de São Paulo, foi desenvolvido na forma de um ensaio fotográfico explorando as relações perceptivas fugidias que nos atravessam cotidianamente. As fotografias, sobrepostas durante o próprio processo de produção, propõem provocar-nos a reencontrar com a densidade de chamamentos a que estamos expostos nas

¹ Este ensaio escrito e as fotografias são inéditos. Ambos apresentam questões que foram objeto de reflexão durante o doutorado, em 2010. Estas questões vêm se desdobrando em artigos e pesquisas com temas relacionados à fotografia, ao estatuto da imagem, à paisagem urbana. O último artigo com tema correlato saiu como capítulo de livro “A Fotografia Como Imagem a imagem como fotografia.” Organizadora: Ana Taís M. P. – Porto Alegre: Imaginalis, 2019.

grandes cidades, ao mesmo tempo que refletem sobre a própria estratégia de sua produção. Ao estabelecerem um diálogo com a dispersão dos sentidos e com a densa visualidade que nos convida a todo momento a interagir, a consumir, a nos resguardar, apresentam situações e ângulos de visão que, ao sobrepor-se uns aos outros, trazem à evidência uma espacialidade mutante que nos cerca naquela região.

Walter Benjamin, a partir de George Simmel, nos traz a discussão sobre a predominância da visão em relação aos demais sentidos na metrópole moderna, condição esta que se observa na figura no flaneur indissociável do caráter de “ebriedade²” (BENJAMIN, 1989, p.55) a que a cidade o incita. Assim, embora predominante, a visão se dá com o corpo todo que, perante os infinitos “choques” cotidianos, anestesia os sentidos e instauram uma individualidade exacerbada. Por sua vez, Simmel, em a “Metrópole e Vida Mental”, destaca justamente o papel da visualidade como uma das motivações para uma espécie de “embotamento do poder de discriminar” (SIMMEL, 1987, p.16) que, junto ao corpo e ao psiquismo, constitui a figura do homem *blasé*³. A percepção pode-se então entendê-la como uma região de encontro entre a visão e os demais sentidos, podendo ser evocada por imagens exteriores e interiores as quais se constituem historicamente.

Essa afetação contínua, nos anos 20, é traduzida nos espaços vazios e nos reflexos de vitrines presentes nas fotografias de Eugène Atget, ou então nas colagens de Paul Citroen (*Metropolis*, 1923) em que uma multiplicidade de edificações, ruas, letreiros se sucedem compondo uma imagem de um ‘barulho ensurdecedor’. Ao visitar a cidade valendo-se da colagem de

² O termo ‘ebriedade’, proposto por Benjamin (“o fascínio mais profundo desse espetáculo consistia em não desviá-lo, apesar da ebriedade em que o colocava, da terrível realidade social”, Benjamin, 1989, p.55), traz a constituição de um espaçamento entre o observador e o observado numa íntima relação com a visualidade. A ebriedade é tanto condição do sujeito em meio à metrópole, quanto campo sensível em que se constitui a dialética do ver.

³ O caráter blasé sintetiza o conjunto de relações que força o sujeito a abdicar de sua individualidade como algo constante e integral em meio ao urbano. Vai além, portanto, dos estímulos sensoriais a que o indivíduo está sujeito, uma vez que envolve o complexo de valores morais e psíquicos que orientam as ações daqueles que vivem na metrópole.

fotografias, Citroen nos coloca perante o desafio de representá-la em sua intensidade e transitoriedade de modo a trazer algo para além do imediatamente percebido nas imagens. Assim, ver nem sempre é dizer, nem sempre a verossimilhança nos garante a relação com uma dimensão invisível que nos apodera.

O surrealismo, por sua vez, fará uso sistemático da fotografia como estratégia de aproximação a um sentido onírico tendo a cidade como lócus privilegiado de imersão a um estado de vigília, revelador do próprio inconsciente do artista. As percepções dilatadas do urbano, as memórias e permanências no tempo, encontradas nas cidades, são ao mesmo tempo enigmas, confusão e inquietação dos sentidos (BRETON, Nadja, 2007).

Estas relações perceptivas dilatadas são assimiláveis, ou incorporadas, à experiência do homem urbano como esquecimento, como anestesiamento, abrindo brecha para considerarmos a tensão dialética que estabelece uma imagem com a outra, no caso de Citroen, ou a uma espacialidade suspensa como em Breton. Caracterizar tal sentido, contudo, reporta a pensarmos a produção de tais imagens como colagens de uma sensorialidade que se localiza entre memória e esquecimento, na forma de uma articulação entre diferentes sentidos de diferentes origens, aproximando-se ou simbolizando uma ideia que não é tangível em uma representação perspectiva que se pretenda objetiva. A estratégia de colagem adquire então sua relevância por promover o intervalo significativo entre elementos, ângulos de visão, contextos distintos, permeando diferentes produções artísticas enquanto experimentação e ruptura com uma ordem do visível cuja origem remete ao homem do Renascimento.

Paul Virilio expõe a radicalidade dessas relações que tomam outras configurações na contemporaneidade, afetando não só a dimensão do sensível, mas também a própria materialidade dos espaços percorridos. Isso porque tal densidade de estímulos sensoriais, assim como a relação concreta com o espaço, passa a ser atravessada por uma teia de imagens eletrônicas, fragmentadas, descontínuas. A imagem, então, enquanto matéria volátil,

paradoxalmente, tornar-se prenhe à memória sem nem mesmo percebermos. Aqui, se tomarmos novamente a figura já desgastada do flaneur parisiense, percebe-se que o afeto pela cidade enquanto sedução, participação ou encantamento pela vida urbana hoje encontra-se absolutamente colonizado por uma cidade que tornou-se mercadoria e que se desloca cada vez mais para o espaços privados. Os corpos que circulam pelas cidades continuam, no entanto, orientados pela urgência dos pontos de chegada, partida e de atração que se impõem no cotidiano, isso constantemente transpassado por um crescente distanciamento em relação ao outro, tendo as redes eletrônicas como uma dimensão paralela que modela a relação com o espaço objetivo.

Sob uma perspectiva afirmativa, os incessantes estímulos a que estamos sujeitos, quando eternizados pela imagem fotográfica, poder-se-iam revelar a própria alienação e velocidade do mundo. Porém, podemos dizer que, segundo Paul Virilio, nem mesmo a persistência encontrada na imagem fotográfica é capaz de fazer emergir a sensorialidade experimentada no urbano, pois hoje assistimos a uma “co-produção da realidade sensível na qual as percepções diretas e mediatizadas se confundem para construir uma representação instantânea do espaço, do meio ambiente”. Desse modo, termina “a separação entre realidade das distâncias e a distanciação das diversas representações.” (VIRILIO, 1993, p.23)

Tal proposição de Virilio encontra em Hans Belting uma formulação cuja dimensão corpórea é tanto corpo sensível e receptor quanto meio disseminador de imagens, podendo a imagem, sob uma concepção antropológica, ser dividida em três partes: “imagem – meio – espectador, ou imagem – aparato de imagens – corpo vivo (onde este deve ser compreendido como corpo ‘medial’ ou ‘medializado’)”. Assim, ao distinguir imagem, meio e corpo, nos apresenta também a dupla condição das imagens distinguindo imagens internas, “próprias ao corpo” e parte das histórias do sujeito, e externas aquelas que nos chegam, que necessitam de um corpo técnico para que “cheguem ao nosso olhar”. (BELTING, 2010, p.25-26). Ambas estabelecem uma relação de intercâmbio que

se modulam e alternam-se sob diferentes contextos culturais e históricos. A percepção como aproximação das imagens dilui-se na história e na cultura, pois são indissociáveis dos meios técnicos que as suportam e disseminam, considerando sua dupla dimensão “endógena” e “exógena”.

Percorrer e perceber o urbano então é ser apoderado por imagens que não necessariamente localizam-se no “aqui agora”, mas na forma de redes que ocupam nosso pensamento. Imagens enquanto uma cognição de outra ordem. Imagens que transitam entre aquelas interiores e exteriores conformando um espaço em constante intercâmbio no qual nos organizamos diariamente.

Nas imagens que acompanham esse texto, a sucessão de tempos e percepções são apresentadas, por meio da fotografia, enquanto permanências, tempos únicos de instantes dilatados, distinguindo-se, portanto, da volatilidade das redes eletrônicas e imagens digitais. São colagens que mimetizam uma imaginação de percepção composta em camadas. Camadas que são feitas de imagens translúcidas de cidade, de passantes, de vendedores, de arquiteturas, de esquinas e de toda a vitalidade urbana existente entre as Estações Luz e São Bento. Na espessura ruidosa que as compõem, a duração no tempo torna-se um aspecto determinante, pois os detalhes passam a ser penetrantes, simbolicamente significantes, uma vez que instigam um encontro com uma sensorialidade fugidia entrecortada umas pelas outras. Porém, ao simularem um intercâmbio entre memória corpórea e espacial, o qual nunca encontra uma estabilidade, pratica-se uma fotografia que se insere em uma cultura visual revisitada, encontrada em outras mídias, não propriamente contemporânea. Seus atributos estabelecem um olhar exercido a uma certa distância, sujeito ao limite do quadro, composto como sucessão de coincidências, mas ainda assim comprometido com a vida urbana.

Figura 1: Luz - São Bento I, 2019. Fonte: Luciano B Costa

Figura 2: Luz - São Bento II, 2019. Fonte: Luciano B Costa

Figura 3: Luz - São Bento III, 2019. Fonte: Luciano B Costa

Figura 4: Luz - São Bento IV, 2019. Fonte: Luciano B Costa

Figura 5: Luz - São Bento V, 2019. Fonte: Luciano B Costa

Figura 6: Luz - São Bento VI, 2019. Fonte: Luciano B Costa

REFERÊNCIAS

- BELTING, Hans. *Antropologia de la Imagen*. Buenos Aires: Katz, 2010.
- _____. *Imagem, Mídia e Corpo: Uma nova abordagem à Iconologia*.
Disponível em:
<https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%208/04_belting.pdf>. Consultado em 01/03/2020.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas vol. III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRETON, André. *Nadja*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- COSTA, Luciano Bernardino da. *Imagem dialética e imagem crítica: fotografia e percepção na metrópole moderna e contemporânea*. Tese (Doutorado em Projeto, Espaço e Cultura) – FAU-USP. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-18062010-090811/pt-br.php>
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FABRIS, A. *Redefinindo o conceito de imagem*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100010&lng=en&nrm=iso&tIng=pt. Consultado em 10/03/2020.
- KRAUSS, Rosalind. *O fotográfico*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- SIMMEL, G. “Metrópole e Vida Mental”, in: VELHO, O.G. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- SOUGEZ, Marie-Loup (coord.). *Historia general de la fotografia*. Madrid: Cátedra, 2007.
- VIRILIO, P. *O Espaço Crítico, a as Perspectivas do Tempo Real*. Rio de Janeiro: Editora 34 Ltda. 1993.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Luz - São Bento I. pág.: 106

Figura 2 – Luz - São Bento II. pág.: 106

Figura 3 – Luz - São Bento III. pág.: 107

Figura 4 – Luz - São Bento IV. pág.: 107

Figura 5 – Luz - São Bento V. pág.: 108

Figura 6 – Luz - São Bento VI. pág.: 108